

AH68

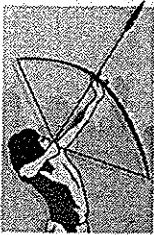
42 GERAL ▼ COMUNIDADE

Índio troca idéia com o branco

Unicef e governo do Amapá desenvolvem projeto que está aproximando as raças

Angela Bastos
SERRA DO NAVIO/AP

Cerca de 300 crianças que vivem no município de Serra do Navio, a 300 quilômetros ao Norte de Macapá, capital do Amapá, estão sendo protagonistas de uma nova história entre brancos e índios. A trágica aproximação entre as raças dá lugar a uma experiência de quebra de barreiras culturais. Meninos e meninas indígenas e filhos de pequenos agricultores que vivem em áreas de entorno as aldeias Waiãpi aprendem a ter respeito mútuo. Através do intercâmbio de conhecimentos, eles têm saciada a natural curiosidade sobre a forma de vida de povos diferentes e passam a conviver sob uma nova perspectiva de troca de saberes.



A prática é fruto de uma parceria entre o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e governo do Estado do Amapá através do Núcleo de Educação Indígena da Secretaria Estadual de Educação. O Projeto Mirakatu - que na língua Nheengatu, do tronco Tupi, significa "gente boa" - está sendo desenvolvido há um ano. O Mirakatu consiste num conjunto de ações onde professores-índios e não-índios das vilas de entorno das reservas (Riozinho, Tucano I e Tucano II) desenvolvem atividades pedagógicas que levem em conta o potencial criativo da comunidade Waiãpi. Os Waiãpi formam um povo falante da língua Tupi. Vive em ambos os lados da fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, onde 750 indivíduos ocupam o curso alto do Rio Oiapoque. No Amapá são cerca de 450, distribuídos em 12 aldeias. Diante da devastação social que assola a maioria das reservas indígenas, a situação dos Waiãpi é privilegiada: eles expulsaram todos os invasores de suas terras, que foram demarcadas por eles próprios, e que representa uma extensão de 603 mil hectares.

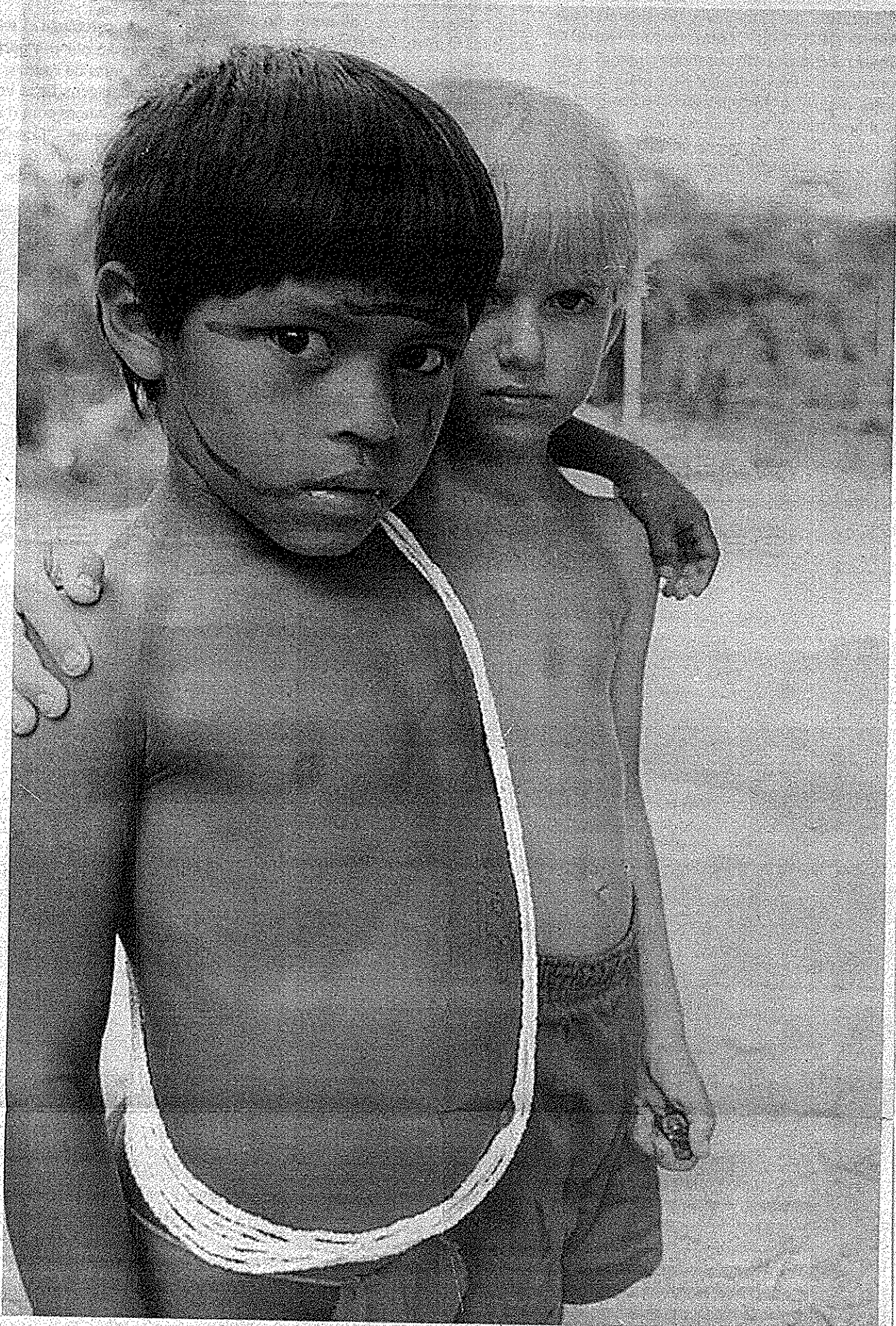
FILME - A reserva no município de Serra do Navio está homologada. O difícil é chegar nela. Saindo-se de Macapá, é necessário percorrer uma estrada de barro vermelho ao longo de cinco horas. São pouco mais de 300 quilômetros, mas os buracos tornam o percurso um desafio. A chamada Perimetral Norte faz lembrar a Transamazônica. O primeiro passo do Mirakatu foi o registro audiovisual do dia-a-dia da comunidade Waiãpi. Com os R\$ 4,8 mil repassados pelo governo estadual e os R\$ 4,3 mil do Unicef, a comunidade indígena adquiriu equipamento de filmagem e saiu à caça de cenas que ilustrassem o cotidiano da etnia.

Muru Waiãpi, cinegrafista do projeto, explica que a canoa foi o meio de transporte usado para chegar às moradias mais afastadas do centro da reserva. O peso da filmadora nas costas e as dificuldades iniciais (receberam treinamento para manuseio da câmera) valeram a pena na opinião de Maru. "Hoje podemos mostrar ao homem branco e a seus filhos o que é ser índio". "Antes, o branco era nosso inimigo. Queria nossa terra para caçar e pescar. Hoje estamos mais unidos. Ele (o branco) vai nos ajudar a defender nosso matto", acredita Maru.

MENSAGEM - O filme tem 18 minutos e contém cenas do cotidiano escolar das crianças, passando pelo banho de rio, brincadeiras, aprendizado de tarefas junto aos pais, passeios na floresta. Vilma Cabral, coordenadora do Unicef na Amazônia, assistiu ao filme pela primeira vez há dez dias, durante um seminário de Educação Escolar Indígena-Relação Intercultural e Política Pública, proposto pelo Conselho das Aldeias Waiãpi.

Para Vilma, "o Mirakatu deverá contribuir para a construção da real cidadania entre índios e brancos". A exibição do vídeo para as crianças que moram na área de entorno começou há três meses. "Eu não tenho medo de índio", respondeu a menina Amanda, quatro anos, que assistiu ao vídeo numa escola de Serra do Navio. Além da apresentação, o programa pretende estimular o intercâmbio através de bilhetes, mensagens em vídeo e de desenhos entre os meninos e meninas indígenas e brancos.

* A repórter viajou para o Amapá a convite do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância)



JOHNNY SENA/ESPECIAL DO/Serra do Navio

MIRAKATU: Aquilo que poderia se tornar uma tragédia resulta numa convivência pacífica e de respeito mútuo

ONDE IR

O Amapá, o mais novo Estado brasileiro criado pela Constituição de 1988, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem 331.470 habitantes. Situado no extremo Norte do Brasil e da Amazônia, possui 143.453 quilômetros quadrados de superfície fazendo limites com a Guiana Francesa e o Suriname a Noroeste; com o Oceano Atlântico a Nordeste; com ilhas estuarinas e o Rio Amazonas a Sudeste; com o Estado do Pará a Sudoeste.

SAIBA MAIS

No território do Amapá existem 49 aldeias indígenas onde vivem 5,5 mil índios das etnias Aparai, Wayana, Tirió, Waiãpi, Palikur, Galiby, Galyby-Marwono e Karipuna. Os grupos ocupam áreas ecológicas variadas e as terras são descontínuas. Todas as áreas - Waiãpi, Uaçá, Galiby e Juminã - estão demarcadas e homologadas. Na fronteira com o Norte do Pará estão dois parques: o Tumucumaque e o Paru d'Este. Os nativos estão organizados. Existe a Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque, Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque e o Conselho das Aldeias Waiãpi.

GERAL ▼ COMUNIDADE

Um povo bonito e organizado

Enquanto os meninos saem para caçar com os pais, as meninas colhem frutas e fazem artesanato

Os Waiápi formam um povo bonito. Eles cobrem a genitália com um pano vermelho tingido com urucum (fruto do urucuzeiro, conhecido no Sul como coloral). O mesmo pó serve para pintar o corpo, principalmente pernas e braços. O rosto é marcado por traços escuros, feitos com uma espécie de carvão. Colares de miçangas coloridos são pendurados no pescoço. Os índios costumam usar um pente pendurado nos longos cabelos. Adultos e crianças seguem a mesma tradição. As mulheres andam com os seios amostra e saia curta, também vermelha.

As tarefas são bem definidas. As meninas são criadas com as mães, que se dedicam à confecção de artesanatos, colhem frutas, preparam alimentos. O açaí e a banana estão entre as frutas mais comuns nas reservas. Eles

plantam milho e abóboras. Os meninos acompanham os pais nas pescarias e caçadas. Quando nascem, as crianças são "prometidas". Os pais já definem com quem vão casar. "A gente casa, mas se não gostar de viver com a aquela pessoa pode trocar", conta Kaitona Waiápi, um jovem de 23 anos, pai de dois filhos, e que está no segundo casamento. Kaitona é professor e intérprete.

Os Waiápi constituem uma nação organizada. Eles criaram o Conselho de Aldeias, chamado de Apina, que faz uma experiência de gestão das diversas aldeias através de atividades de produção e comercialização. Nos últimos anos estão procurando aumentar a rentabilidade de formas de uso e manejo de floresta. A saúde, aos poucos, deixa de ser problema. Através de convênios com o governo do Estado, médicos e enfermeiros estão tratando de doenças. Os casos de malária e gripes, decorrente do contato com o branco, têm diminuído. A presença de garimpeiros, antes da demarcação da área, era considerada maléfica. Hoje, os Waiápi desenvolvem um programa de saúde através do Conselho das Aldeias.



JOHNNY SENA/ESPECIAL DC/Serra do Navio

SEM RELÓGIO: Mulheres Waiápi andam de saia curta e com os seios à mostra